

A TEORIA SOCIAL COGNITIVA NA ABORDAGEM DO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA (GEPEI – UFMS)

IV Seminário Internacional Teoria Social Cognitiva em Debate, 4^a edição, de 17/11/2021 a 19/11/2021
ISBN dos Anais: 9786581152260

MARTINS; Bárbara Amaral¹

RESUMO

O Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (GEPEI) foi fundado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal (UFMS/CPAN), em 2014, com o objetivo de investigar a educação inclusiva, de modo a contribuir para o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes público da educação especial, a saber: aqueles que apresentam deficiência, transtorno do espectro autista (TEA) e altas habilidades/superdotação (AH/SD), os quais demandam que suas necessidades educacionais sejam respondidas no âmbito das escolas comuns. Naquele momento, pesquisas apontavam a falta de preparo para a inclusão escolar desse público como uma fonte geradora de estresse em professores, responsável também por desestimulá-los e provocar descredito na proposta inclusiva. Porém, percebíamos que os investimentos em formação de professores nem sempre se convertiam em maior senso de preparo, vez que a despeito da ampliação contínua dos cursos e disciplinas oferecidos por instâncias formadoras distintas, a frequência de professores que se declaravam despreparados permanecia elevada. Nessa perspectiva, os estudos sobre a Teoria Social Cognitiva (TSC) iniciaram-se em 2015, depois de constatadas diversas situações em que professores se viam temerosos frente à tarefa de ensinar estudantes que se afastavam do perfil discente tipicamente idealizado. Em resposta a nossas indagações acerca do constante sentimento incapacitante expresso pelos professores, os estudos sobre a TSC e, especialmente, a Teoria da Autoeficácia, nos permitiram compreender que quando não acreditam possuir as competências necessárias para o desempenho da função docente junto aos estudantes público da Educação Especial, podem apresentar barreiras atitudinais impeditivas para o trabalho colaborativo com o professor especialista, bem como atribuir pouca serventia aos recursos materiais disponíveis, além dos sentimentos de frustração que podem desenvolver. Nossos estudos foram seguidos de pesquisas que resultaram em produções científicas que focalizam a autoeficácia docente para práticas inclusivas envolvendo o público da educação especial. Empreendemos um estudo de revisão de artigos, teses e dissertações levantados a partir de seis bases de dados nacionais e internacionais a fim de verificarmos a produção de conhecimentos sobre autoeficácia docente no contexto da Educação Especial no Brasil e no exterior. Esse estudo recuperou 74 produções publicadas até o ano de 2017, sendo que apenas cinco delas eram brasileiras: uma tese e uma dissertação sobre educação física adaptada (ambas de mesma autoria), uma dissertação sobre a inclusão de pessoas com deficiência no Ensino Superior; um artigo sobre a autoeficácia de uma professora de educação infantil em relação a seu aluno com autismo; um ensaio teórico sobre a autoeficácia enquanto fator motivacional na educação inclusiva. Com base no referido levantamento, analisamos, qualitativamente, as pesquisas que investigaram os efeitos da formação sobre a autoeficácia de professores para a inclusão escolar de estudantes com deficiência, TEA ou AH/SD. Entre as 12 pesquisas que apresentavam tais objetos de análise, nenhuma delas havia sido desenvolvida no Brasil. Na sequência, realizamos a tradução, adaptação transcultural e validação de um instrumento voltado a avaliar a autoeficácia docente especificamente no que se refere ao desenvolvimento de prática educacionais inclusivas. Trata-se de *Teacher Efficacy for Inclusive Practices (TEIP) Scale*, elaborada por Umesh Sharma, Tim Loreman e Chris Forlin e publicada no ano de 2012. A TEIP tem sido traduzida e validada em diferentes países e a versão brasileira também foi por nós adaptada para dois públicos específicos: estudantes com deficiência intelectual (DI) e estudantes com AH/SD. Munidos de tais instrumentos, passamos a trabalhar com a hipótese de que o oferecimento de cursos de formação docente que envolvessem experiências vicárias, ou seja, a observação de experiências educacionais inclusivas bem-sucedidas, poderia, além de ampliar os saberes docentes, fortalecer a autoeficácia dos professores participantes, no que diz respeito à inclusão do estudante pertencente ao público da Educação Especial. Assim, realizamos uma pesquisa que contou com a participação de 39 professores de Ensino Fundamental I, graduados em Pedagogia, os quais se dividiram em dois grupos. O Grupo A era formado por 22 professores que realizaram um curso sobre inclusão de estudantes com DI. O Grupo B possuía 17 integrantes, os quais participaram de um curso sobre a inclusão de estudantes com AH/SD. Cada curso foi desenvolvido em 10 encontros, que primavam pela indissociabilidade entre teoria e prática, consumada por meio

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, barbara.martins@ufms.br

de estudos de casos, discussões teórico-práticas, troca de experiências e análise coletiva e reflexiva de vídeos com situações educacionais inclusivas bem-sucedidas (experiências vicárias). Os efeitos da formação foram avaliados a partir de escalas aplicadas antes e depois dos cursos, juntamente com uma avaliação escrita dos participantes acerca da formação. As escalas foram analisadas quantitativamente, por meio de testes estatísticos, e as avaliações escritas, submetidas à análise de conteúdo. Os resultados estatísticos revelaram que houve aumento na autoeficácia docente, em ambos os grupos, o que foi corroborado pelas análises qualitativas das avaliações dos professores. Atualmente, investiga-se a relação entre a formação de professores atuantes no Ensino Fundamental II e a autoeficácia que apresentam para o desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas. Espera-se que os estudos empreendidos e em desenvolvimento possam contribuir para a identificação de estratégias formativas capazes de favorecer o fortalecimento da autoeficácia docente no que concerne à concretização da proposta inclusiva dos alunos público da Educação Especial.

PALAVRAS-CHAVE: Autoeficácia docente, inclusão escolar, Teoria Social Cognitiva